



Vínculos Sociais e Perfis Digigráficos: uma análise sócio-comunicacional do caso ferramentados e imersos¹

Dannilo de Loiola Pessoa Bezerra LINS²

Stela ARAUJO³

Me. Ana Cecília Aragão GOMES⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

O presente artigo analisa os perfis digigráficos formulados por meio da pesquisa da Vox Pesquisa, solicitada pela Agência de Publicidade DM9, de São Paulo – Brasil, realizada em 2012. A pesquisa traça cinco perfis de consumidores digitais, categorizados como: imersos, ferramentados, fascinados, emparelhados e evoluídos. A partir destes dados, estabelecemos uma análise sobre a relação existente entre os perfis ferramentados e imersos e as ferramentas tecno-digitais comunicacionais na construção de vínculos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Cibercultura, Internet, Vínculos Sociais, Comunicação.

Introdução

Certamente, Gutenberg não tinha a dimensão que tomaria a tecnologia aperfeiçoada por ele, em 1439, ao desenvolver os tipos móveis, dando início à Revolução da Imprensa. As tecnologias sempre tiveram grande impacto e responsabilidade nas mudanças sociais, na cultura, na economia.

Atualmente, estamos diante de uma conjuntura social altamente influenciada pelas diversas tecnologias de informação e comunicação (TIC), principalmente no que diz respeito a *internet* e a computação em rede. Segundo André Lemos e Pierre Lévy (2010), estamos vivenciando uma nova onda de transformações culturais através do desenvolvimento do ciberespaço e não temos como imaginar todos os desdobramentos possíveis dessa fase.

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UFRN, email: dannilolinns@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UFRN, email: stellagzaraujo@gmail.com

⁴ Professora Orientadora. Mestre em Ciências Sociais e Professora do Departamento de Comunicação Social da UFRN, email: anacecilia_ag2@yahoo.com.br



Pierre Lévy (1999, p. 11) diz que:

Em primeiro lugar, o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômicos, político, cultural e humano.

Lévy (1999, p.17) define como ciberespaço, também chamado por ele de “rede”, como “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”. O termo abrange não só o material da infraestrutura de comunicação digital, mas também o componente humano e todas as informações contidas na rede. A cibercultura é “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, atitudes, de modos de pensamento e de valores que desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17).

Investigar os problemas do impacto social e cultural de todas as novas TIC's nos ajuda a entender e a vislumbrar o futuro da comunicação dos seres humanos em um ambiente permeado pelo virtual e mergulhado profundamente na cibercultura, já que “a dinâmica social oriunda do ciberespaço incita a capacidade de comunicação e circulação de informações, com isso, disseminando a liberdade (...), pois o ciberespaço permite uma liberdade de expressão e de comunicação em escala planetária absolutamente sem precedente” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 52).

Lemos e Lévy (2010) ao observar a evolução das mídias, as classificam em duas categorias. As massivas são aquelas que possuem apenas a função de informar, tem o início na Revolução Industrial e pressupõem sempre uma rede telemática inexistente. Já as mídias pós-massivas, são aquelas que além da informação, tem a interação resultante de uma conversação coletiva, fruto das novas mídias, principalmente no âmbito do ciberespaço, tem a rede telemática como potencializadora de suas ações. É uma nova forma de “fazer sociedade”, já que são baseadas em uma comunicação de um para um.

Para Ciro Marcondes Filho (2012, p.13), as redes sociais no ciberespaço tratam da relação do usuário com a comunidade que o circunda, os seus vínculos no universo online. Elas possuem usos diversos, tanto positivos quanto negativos, e através delas “não se está buscando fluxo direto de mente a mente, mas o confronto sem mediações com a hipertelia informativa, que neutraliza todas as intenções comunicacionais”.



Ainda sobre as relações sociais na cibercultura, o autor continua:

As pessoas precisam voltar para a chamada ‘vida real’, não há sobrevivência possível só na rede. O problema é que a rede tornou-se um espaço mais importante que a vida fora dela e, de certa forma, a conduz, tornando-se a vida prioritária porque mais manipulável, mais lúdica, mais dependente dos humores e dos gostos dos usuários (MARCONDES FILHO, 2012, p. 149).

É nesse contexto tecnológico e social que levaremos em conta os desdobramentos atuais do desenvolvimento das TICs, que nos propomos a analisar os perfis digigráficos formulados por meio da pesquisa solicitada pela Agência de Publicidade DM9, de São Paulo – Brasil, realizada em 2012.

Perfis Digigráficos, DM9: Comportamento dos Sujeitos na Era Digital

Na perspectiva da cibercultura é impossível classificar os consumidores somente por meio de critérios convencionais, como demografia, sexo e idade, é preciso traçar critérios que se enquadrem especificamente ao ciberespaço, estabelecendo assim, uma compreensão holística desses consumidores.

A partir da necessidade de entender o comportamento e as ações dos consumidores no ambiente digital, a agência paulista DM9DDB, construiu um documentário elencando cinco perfis de consumidores digitais, estes perfis foram intitulados de perfis digigráficos. A agência encomendou uma pesquisa a Vox Pesquisa para realização de um estudo detalhado, que serviu de referência para a produção do filme. Esse estudo refletiu acerca dos novos rumos que as categoriais digitais, redes sociais, plataformas de comunicação digital, tecnologias portáteis, web etc., estão tomando e concluiu que:

As mudanças trazidas pelo digital pouco ou nada tem a ver com sexo, idade ou classe social, mas sim com três novos critérios: um primeiro relacionado a quanto e como as pessoas utilizam os recursos e equipamentos da tecnologia em sua vida; um segundo relacionado às intenções que estas pessoas têm ao consumir diversos produtos digitais e um terceiro relacionado a quanto estes recursos servem para moldar sua personalidade (THEOTONIO, 2012).

O documentário traça cinco perfis de consumidores digitais, categorizados como: imersos, ferramentados, fascinados, emparelhados e evoluídos. Os perfis propostos



foram estudados através dos três novos critérios analíticos citados anteriormente e amparados pelas quatro esferas de formação da nossa existência, que como dito no documentário (THEOTONIO, 2012), foram ampliadas e redimensionadas a partir das mudanças digitais ocorridas nos últimos anos; por este motivo, os perfis traçados na produção caminham lado a lado com as quatro esferas de formação do sujeito:

- A esfera do indivíduo: onde se encontram a identidade, o ego, a personalidade, o eu/você.
- A esfera dos outros: onde se encontram as pessoas com quem você mantém seus relacionamentos afetivos, sociais e profissionais.
- A esfera das instituições: a família, escola (universidade), empresas, governo, imprensa, religião.
- A esfera do mundo: o contexto de tempo e espaço onde vivem todas as pessoas.

As quatro esferas de formação dos sujeitos foram redimensionadas, devido a constante evolução da cibercultura. Os indivíduos estão cada vez mais conectados aos aparatos digitais e a relação homem-máquina passou a ser ampliada (naturalizada) nesse processo. Segundo Barros et al. (2012, p.2), “a expressão evidenciada por McLuhan (1964) ‘os meios como extensões do homem’ não só demonstra a intensidade da relação entre indivíduos e artefatos tecnológicos, mas, sobretudo, provoca uma reflexão sobre a configuração desta na pós modernidade, quando os dispositivos passam a ser multissensoriais e cada vez mais integrados às pessoas”. A integração dos objetos digitais com os atores sociais permite que os mesmos utilizem as técnicas desses utensílios para modificar e reorganizar o meio em que vivem.

É justamente a relação entre sujeito-tecnologia e a integração dos atores sociais com os objetos tecnológicos que norteiam a abordagem dos perfis digigráficos. O estudo realizado pela Vox Pesquisa e elucidado no documentário da agência DM9 aponta para um panorama comportamental acerca dos sujeitos inseridos na era digital, considerando as tecnologias e as ferramentas tecnológicas como sendo agentes de transformação desses sujeitos. Podemos definir os cinco perfis da seguinte forma (THEOTONIO, 2012):

- Os imersos tiveram parte da sua identidade definida a partir da tecnologia. Com ela conseguiram “se encontrar”, definir melhor seus interesses e estabelecer



melhores vínculos com o mundo digital. Suas personalidades e identidades foram definidas pela era digital, que os permitiu dar vida a mais persona. Diferentes “eus”, dentro de um único “eu” que, em meio ao digital, conseguiram ser potencializados. Algumas pessoas assumem posturas agressivas, românticas, extrovertidas – características das personas assumidas no contexto digital. Para os Imersos as máquinas são mais que utilitárias, são fundamentais para explicar seu desenvolvimento pessoal. Suas crenças e opiniões de mundo nasceram numa intensa simbiose com essas máquinas, sem a internet ou as redes sociais o mundo dos Imersos seria restrito.

- Os ferramentados recorrem à tecnologia para agilizar as tarefas, mas não a idolatram. A tecnologia os ajuda nas tarefas cotidianas e facilita suas vidas. Se alguma tarefa pode ser otimizada através destas tecnologias, os ferramentados saberão como utilizá-las de maneira eficiente. Esse grupo é um exemplo de como as pessoas redefiniram a maneira como se relacionam com família, escolas, empresas e governo (eixo das instituições), justamente pela multiplicidade de conexões e informações disponíveis na era digital. Portanto, é o grupo que mais entende a tecnologia como ferramenta de melhora nas relações com essas instituições, horizontalizando o poder e encaminhando novas formas de diálogo, além disso, sabem que estas tecnologias possuem lugar delimitado no espaço cotidiano.
- Os fascinados querem parecer modernos e tecnológicos. Para eles, computadores, *gadgets* e hábitos da era digital são ícones da modernidade – e consumir essas novidades os ajuda a atestar que são antenados. Eles são um excelente exemplo de como o relacionamento com os outros foi bastante modificado, transformando e reordenando a esfera dos outros, que no contexto digital é modificada todos os dias através das interações realizadas pelas plataformas tecnológicas.
- Para os emparelhados a tecnologia é fundamental para pôr em prática os projetos da vida. Eles enxergam a tecnologia como a grande companheira para fazer o dia a dia acontecer. Sem ela, a vida fica extremamente complicada. Para este grupo, as máquinas são como uma extensão do seu corpo, potencializando suas capacidades humanas.



- Evoluídos encontram no universo das máquinas e da tecnologia o seu habitat. Esses são as crianças e os adolescentes que já nasceram adaptados e estão crescendo no mundo digital. Não conheceram o mundo pré-digital.

Pensando de maneira dialógica com o documentário, podemos propor um novo modelo de análise para esses perfis a partir de uma ótica sócio-comunicacional, onde o eixo de interações sociais é colocado no centro das análises. Como bem argumenta Ana Cecília Gomes (2011), é pela comunicação que o ser humano constrói, em sua complexidade e sua ambivalência, vínculos com os outros.

Para entendermos a construção desses vínculos em meio a cibercultura e as relações que os indivíduos estão construindo com os novos aparatos digitais e comunicacionais, escolhemos dois perfis digigráficos para realização de nossas reflexões: os ferramentados e os imersos.

Tais perfis nos oferecem um lastro de características que nos permitem inferir se os vínculos sociais concretos foram potencializados ou não pela cibercultura e pela apropriação dos objetos tecno-digitais e comunicacionais.

Ferramentados: Vínculos Sociais Concretos e a Horizontalização das Instituições

Os perfis digigráficos foram estudados e refletidos a partir das quatro esferas principais da existência humana. Essas esferas, segundo a abordagem proposta pelos perfis, foram ampliadas e redimensionadas devido a constante evolução da cibercultura.

Os ferramentados estão inseridos na segunda esfera da existência humana, a esfera dos outros, onde se encontram as pessoas com quem você mantém seus relacionamentos afetivos, sociais e profissionais (THEOTONIO, 2012). Esta esfera é vinculada as instituições que estão conectadas as vivências dos sujeitos enquadrados por esse perfil. As instituições são organizações ou mecanismos sociais que controlam o funcionamento da sociedade e, por conseguinte, dos indivíduos, mostram-se de interesse social, uma vez que refletem experiências quantitativas e qualitativas dos processos socioeconômicos. As instituições sociais são interdependentes, as mais cogitadas talvez sejam a instituição familiar, a educativa, a religiosa; a jurídica; a econômica e política. (MARTINS, 2010, p.40).



A cibercultura potencializa o processo de horizontalização das instituições sociais; reorganizando, paulatinamente, as hierarquias de poder destas organizações; estas hierarquias adotadas ao modelo das instituições foram, em certa medida, quebradas com o auxílio das plataformas digitais. Os ferramentados são agentes importantes desse processo, já que através da interação positiva que estabeleceram com o ambiente digital e o uso contínuo dessas plataformas, redimensionaram suas experiências com as instituições, passando a enxergar os modelos de poder dessas organizações de forma negativa.

A interação positiva com o ambiente digital, explicitada anteriormente, pode ser exemplificada através das comunidades on-line, como saliente Tavares (2007, p.156), “são pessoas que se reúnem para troca de informações, estabelecimento de novos contatos, levantamento de novas ideias, como o que ocorre, por exemplo, em fóruns de dicas sobre viagens, compras, entretenimento etc”.

As comunidades on-line agregam experiências incalculáveis para seus membros. Dentro desses grupos a troca de conhecimentos a respeito de determinado tema ou em prol de determinada causa ocorre de maneira orgânica. De acordo com Jenkins (2009, p.56), “a inteligência coletiva refere-se a essa capacidade das comunidades virtuais de alavancar a expertise combinada de seus membros. O que não podemos saber ou fazer sozinhos, agora podemos fazer coletivamente”.

O pensamento coletivo fomentado pelas “comunidades de conhecimento” (comunidades on-line) reflete a posição dos ferramentados diante do contexto digital. Para os indivíduos enquadrados nesse perfil, a internet, as redes sociais e os aparatos digitais, servem como elementos catalisadores de mudanças sociais, culturais e econômicas, ademais, servem como instrumentos que favorecem o ganho de novos conhecimentos, valores, experiências e vínculos sociais.

Jenkins (2009, p. 56 e 57) nos diz que “a nova cultura do conhecimento surge ao mesmo tempo em que nossos vínculos com antigas formas de comunidade social estão se rompendo, nosso arraigamento à geografia física está diminuindo, nossos laços com a família estendida, ou mesmo com a família nuclear, estão se desintegrando, e nossas alianças com Estados-Nações estão sendo redefinidas”. O relacionamento maduro que os ferramentados estruturaram com a cibercultura, favoreceu a construção do olhar crítico desses indivíduos em relação às hierarquias de poder instauradas pelas organizações que os circundam.



Um demonstrativo desse panorama é a família, uma das instituições mais presentes em nosso cotidiano. O processo de aprendizagem na organização familiar foi construído ao longo da história de maneira verticalizada, ou seja, pais e mães sendo responsáveis pela transmissão de conhecimentos e valores para os filhos. Com o advento dos aparatos digitais e suas múltiplas conexões, os filhos puderam acessar novas informações, de maneira autônoma, sem a necessidade dos pais como tutores do conhecimento. Estes sujeitos passaram a construir um arcabouço de novos valores, experiências e crenças, de maneira livre e espontânea. Vivenciamos, de forma incipiente, uma pequena ruptura na verticalidade da aprendizagem na organização familiar.

As instituições educativas (escolas e universidades), também são exemplos marcantes para explicar a ruptura na verticalização do processo de aprendizagem. Os conteúdos transmitidos nas salas de aula, palestras, mesas redondas, simpósios, colóquios e etc. podem ser amplificados pela cibercultura. Por meio dos aparatos digitais, redes sociais, aplicativos, sites de busca e comunidades de conhecimento (comunidades on-line), os ferramentados puderam encontrar novos olhares e opiniões a respeito dos conteúdos transmitidos naqueles espaços. Outro ponto importante deve ser explicitado dentro deste contexto: os conteúdos que não foram assimilados por completo podem ser esclarecidos dentro dos ambientes virtuais; em fóruns especializados ou em comunidades on-line. Essa reflexão nos permite concluir que os ferramentados conseguiram estabelecer um novo vínculo social com as organizações educacionais, introduzindo para estas instituições, novos valores e experiências.

A política, em meio à cibercultura, é outra esfera institucional que passou por rupturas. Os diversos aparatos digitais e as tecnologias da informação estreitaram a relação dos indivíduos com as organizações políticas, facilitando a desconstrução das hierarquias de poder existentes na esfera pública. Para Pereira (2011, p. 1), “a apropriação de tecnologias de informação e comunicação (TICs) pelos movimentos sociais tem favorecido o surgimento de novas formas de ativismo, perpassadas por infraestruturas tecnológicas que determinam e são determinadas pelas próprias práticas”.

Os ferramentados apoderam-se das tecnologias digitais para redefinir, pouco a pouco, suas posturas diante da esfera política. O que em outrora parecia distante e inalcançável, passou a ser aproximado pelo digital. Redes sociais permitem que os



sujeitos fiquem a par das ações dos governantes, estabelecendo assim, uma nova forma de diálogo com essas estruturas políticas e fomentando um novo espaço para críticas e cobranças. Dentro desta perspectiva é importante ressaltar que maioria dos representantes públicos, sejam senadores ou até mesmo a presidenta da República, possuem redes sociais, o que, de certa maneira, facilita a construção do diálogo supracitado:

A Internet é um instrumento que tem sido utilizado e aprimorado pelos movimentos sociais e que tem promovido mudanças nos repertórios adotados através de novos meios de publicização de informações, novas formas de comunicação e coordenação de mobilizações, através da combinação com outras ferramentas que continuam a ser utilizadas, tais como o fax, o telefone, a mídia impressa, assim como manifestações presenciais. Desta forma, a apropriação das novas TICs para a articulação de ações entre entidades e dentro das próprias entidades não significou uma ruptura com outras ferramentas já existentes. (PEREIRA, 2011, p. 12 e 13).

O digital e a cibercultura potencializaram a atuação dos ferramentados na esfera política, corroboraram para que estes indivíduos cavassem espaços, ganhassem voz e autonomia no panorama político-social, fomentando a construção de novos vínculos sociais reais com esta organização.

Imersos: Cibercultura e Aparatos Digitais como Aliados na Construção de Identidades.

Como dito antes, a esfera do indivíduo é aquela em que está a sua identidade, o seu ego, a sua personalidade, você. Dentre todos os perfis digigráficos, os imersos são os que apresentam a esfera do eu mais expandida e plural. Eles possuem uma parte significativa de suas personalidades e identidades definidas pelos recursos da era digital, ou seja, “o que eu sou mais perto do que eu quero ser” (THEOTONIO, 2012).

Ainda segundo a pesquisa,

Para os imersos, as máquinas são mais que um utilitário. São fundamentais para explicar o seu desenvolvimento pessoal, seu universo de relações sociais, profissionais e até mesmo afetivas, tem sua base na vida digital. Com a máquina puderam se encontrar, estabelecer vínculos com o mundo, ampliar suas potencialidades e definir seus interesses. Suas crenças e noções de mundo nasceram com uma grande simbiose com as máquinas e não se sustentariam sem elas. Sem a internet, ou as redes sociais, por exemplo, seu mundo seria muito mais restrito (THEOTONIO, 2012).



Dentro do ambiente digital permite-se dar vida a mais personas do que antes, não faz mais sentido traçar diferenças entre o que se é, o que se aparenta ser e o que se finge ser. O eu apresenta-se de forma plural e amplificada dentro das redes, todas as personas são criadas a partir do próprio repertório do sujeito, seus anseios e desejos pessoais que são partes de uma mesma identidade. E se todos podem escolher alterar e passar a imagem de si que consideram o seu melhor ângulo, na verdade, acabam por se convencer que são exatamente aquilo que desejam e mostram ser.

O mundo digital tem permitido a criação de várias facetas de uma única personalidade, pois as pessoas obtêm a liberdade de se recriar em um universo novo em que elas escolhem exatamente a imagem que querem mostrar. Os *imersos* se relacionam com os outros de uma maneira diferente devido ao maior controle sobre o que eles estão mostrando, já que também podem de alguma forma, controlar os rumos das relações, pois elas podem ir até certo ponto e a partir dali não ir mais, desligar ou desconectar por que ficou chato e não ser mais isso o que ele quer. Não é criar uma nova personalidade ou avatar, mas dar vida de forma mais clara às suas facetas.

A persona que aparece no mundo digital é o *eu* que, muito provavelmente, é o que as pessoas gostariam que os outros vissem nelas. Então é um *eu* que pode parecer que não é real por que é monitorado, mas por outro lado talvez seja um *eu* muito real, por que é aquele íntimo, o que possui as características da personalidade valorizada nela mesma.

Dentro da cibercultura, os imersos conseguem extrapolar os limites e serem o que nunca foram, mas que também podem vir a ser, já que o que é apresentado faz parte das suas personalidades. Para se comunicar com os imersos é fundamental levar em conta não só quem eles são no mundo real, mas também qual é e quais são as suas identidades no mundo virtual, enquanto ainda for possível separar os dois.

Considerações Finais

A cibercultura modificou a forma dos indivíduos se relacionarem com o mundo. As múltiplas formas de conexão e os inúmeros aparatos tecno-digitais e comunicacionais se agregaram ao cotidiano dos sujeitos, reconfigurando personalidades e inculcando novos valores e experiências para estes indivíduos.



Por intermédio dos perfis digigráficos, tendo como base ferramentados e imersos, refletimos a relação dos sujeitos com as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), a fim de compreendermos, se estas tecnologias, contribuíram ou não, para que estes sujeitos constituíssem vínculos sociais concretos, vínculos que fossem levados para além do digital.

As análises socio-comunicacionais confirmaram a hipótese de que os indivíduos, enquadrados nestes dois perfis, se apropriaram da cibercultura de maneiras distantes; essa apropriação plural corroborou para ações diferentes dentro do ciberespaço.

Neste sentido entendemos que os ferramentados, através da relação positiva que estabeleceram com o ambiente digital e com as ferramentas tecno-comunicacionais, conseguiram romper paradigmas institucionais e modificar, em certa medida, as hierarquias de poder institucionalizadas nas organizações sociais. Agregaram, pelo digital (via cibercultura), novos vínculos sociais, novos valores e novas experiências as suas vivências. Os imersos, por sua vez, não utilizaram o ciberespaço para construir novos vínculos sociais, tampouco, para reorganizar estruturas sociais a qual estavam inseridos. Enxergaram a cibercultura, unicamente, como campo de representação para as diferentes facetas de sua personalidade.

REFERÊNCIAS

BARROS, Ana Cirne Paes. et al. 2012. **As tecnologias como extensões multissensoriais: o fascínio exercido pela Apple.** Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/viewFile/23134/12713>>. Acesso em: 18 de maio. 2015.

GOMES, Ana Cecília Aragão. **Campo e contracampo do corpo: o encontro com o outro no filme Lavoura Arcaica.** São Paulo: Annablume Editora, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2009. 2. Ed.

LEMONS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet:** Em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulos, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999. 1ª edição.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Fascinação e Miséria da Comunicação na Cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2012. 1ª edição.



MARTINS, Eduardo Simões. 2010. **Os papéis sociais na formação do cenário social e da identidade.** Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/Ospapeissociaisnaformacao.pdf>. Acesso em: 18 de maio. 2015.

PEREIRA, Marcus Abílio. 2011. **Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital.** Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/03/Marcus-Abilio.pdf>. Acesso em: 18 de maio. 2015.

PERFIS DIGIGRÁFICOS. Direção: Washington Theotonio. Produção: DM9. 30min. Disponível em: <http://youtu.be/pVJJdYCE56c>. Acesso em: 06 de maio de 2014.

TAVARES, Kátia Cristina do Amaral. 2007. **Comunidades on-line: discutindo possíveis definições.** Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/0X2007/textos/cl23052007katia.pdf. Acesso em: 18 de maio. 2015.